O laicato feminino: uma leitura teológico-pastoral a partir da carta apostólica *Mulieris Dignitatem*

Female laity: a theological-pastoral reading from the apostolic letter *Mulieris Dignitatem*

*Pedro K. Iwashita**

*Rafael Gouvêa Domingues***

Recebido: 06/09/2017. Aprovado: 27/11/2017.

Resumo: Com o advento do Ano do Laicato no Brasil, a Igreja é chamada a valorizar esta que é a maior parcela dos cristãos católicos. O Concílio Vaticano II menciona diversas vezes, em documentos variados acerca da dignidade vocacional dos leigos, sobre sua identidade, acenando igualmente para seu apostolado ad intra e ad extra da própria Igreja. É alvitrado que os leigos e leigas se sintam e sejam efetivamente sujeitos eclesiais, corresponsáveis pela missão da Igreja. E dentro do conjunto laical, maior atenção é conferida às mulheres, por vários motivos que justificam o reconhecimento do laicato participativo, sobretudo do laicato feminino, que necessita ser mais valorizado, contrapondo uma sociedade assinalada pelo patriarcalismo exacerbado. Para tal, a partir da Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* do Papa João Paulo II, intenta-se mostrar as razões teológicas, bíblicas e pastorais pertinentes à devida deferência para com o laicato feminino.

Palavras-chave: Laicato. Mulheres. Pastoral.

* Doutor em Teologia (Universidade de Fribourg, Suíça, 1987). Docente do Programa de Estudos Pós Graduated em Teologia da PUC/SP.

E-mail: kiwashita@pucsp.br

** Mestrando em Teologia Prática pela PUC-SP. Especialista em Filosofia e Ensino de Filosofia (Centro Universitário Claretiano, Batatais, 2013). Especialista em Teologia Contemporânea (Centro Universitário Claretiano, Batatais, 2013). Especialista em Gestão de Pessoas (Centro Universitário Estácio Uniseb, Ribeirão Preto, 2012). Bacharel em Teologia (Faculdade Dehoniana, Taubaté, 2009). Formado em Filosofia e em Teologia pelo Curso Livre do Seminário Arquidiocesano de Pouso Alegre, MG. Membro da Comissão Pastoral de Formação Permanente Arquidiocesana e juiz auditor do Tribunal Eclesiástico da mesma Igreja Particular.

E-mail: pousorafa@yahoo.com.br

Abstract: *With the advent of the Year of the Laity in Brazil, the Church is called to value this which is the largest portion of Catholic Christians. The Second Vatican Council mentions various times in various documents about the vocational dignity of the laity, their identity, and also their apostolate to the internal and external of the Church itself. It is desired that the lay and lay people feel and be effectively ecclesial subjects, responsible for the mission of the Church. And within the lay group, more attention is paid to women, for several reasons that justify the recognition of the participatory laity, especially of the female laity, which needs to be more valued, counterpoising a society marked by exacerbated patriarchy. To this end, from the Apostolic Letter *Mulieris Dignitatem*, by Pope John Paul II, an attempt is made to show the theological, biblical and pastoral reasons pertinent to the proper deference to the female laity.*

Keywords: *Laity. Women. Pastoral care.*

Introdução

O termo “leigo” não é apreciado no cotidiano secular, pois denota coloquialmente ignorância, desconhecimento e distanciamento de determinado objeto. E tal constatação não reside somente nos diversos ambientes da sociedade, mas está presente igualmente na Igreja. Em diversas situações, o leigo não se sente corresponsável pela missão evangelizadora, delegando-a somente aos clérigos e religiosos; por consequência, as atividades pastorais das Comunidades acabam submergindo, pela carência de compromisso e entusiasmo cristão do laicato. Isto é constatável em inúmeras paróquias no Brasil, onde há poucas pessoas verdadeiramente engajadas, que atuem em prol da vida de suas Comunidades de Fé, se, em termos quantitativos, for comparado com quantos participam das celebrações. Desenvolver a consciência de que o leigo é partícipe do ministério da Igreja em sua essência, que é evangelizar, sabendo motivar espiritualmente seu apostolado na Igreja e no mundo, é um desafio singular, porém imprescindível na contemporaneidade.

Em meados do século XX, um dos teólogos que mais colaboraram para despertar a figura do laicato, inclusive com ressonâncias no Vaticano II, foi Yves Congar; cardeal francês dominicano e grande eclesiólogo, soube fazer “uma descrição mais antropológica – e não meramente canônica – da condição do leigo. O leigo, ao fazer a obra do mundo, está simultaneamente realizando uma obra de Deus”.¹

¹ GERKEN, John D. *Teologia do laicato*. Trad. Maria Clara Malmegrim; ver. Adaury Fiorotti. São Paulo: Herder, 1968. p. 187. (Coleção Cairoscópio).

Neste texto, apontaremos algumas pistas pastorais para a sedimentação do laicato na esfera eclesial e social, partindo da valorização que a própria Igreja conferiu ao leigo. Há vários documentos, sobretudo do Concílio Vaticano II, que apresentam essa trajetória, imbuídos do caráter pastoral e dialógico com o mundo, além da proposta de movimentar-se missionariamente, bem como do específico papel do leigo e da leiga, explicitado no Decreto *Apostolicam Actuositatem*.

Este artigo exporá uma consideração especial ao laicato feminino, uma vez que, evidentemente, as mulheres participam do estado vocacional laical, de modo a elucidar a importância das mulheres na Igreja, fato que já tem sido aquilatado pela sociedade em vários setores. Corroborando neste ínterim o ministério petrino de Francisco, na retomada da valorização do laicato, com ênfase no espaço que à mulher deve ser oferecido na Igreja, até porque, por volta de setenta por cento das Comunidades, em termos de participação e engajamento, são formadas por mulheres. Desprezadas ainda pelos resquícios funestos de um patriarcalismo exacerbado, mas acolhidas atenciosamente por Jesus nos evangelhos, especialmente em Lucas, elas precisam ser mais valorizadas e respeitadas. Cronologicamente, antes de o Papa Francisco salientar que a grandeza da mulher traz harmonia a toda a obra da criação,² temos João Paulo II, na Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*, cujo texto será largamente citado no artigo presente. Houve outras referências às mulheres em pontificados e pronunciamentos anteriores; entretanto, fixaremos-nos nesta carta apostólica, por explicitar e desenvolver mais o tema.

Além disso, existe outra motivação para este tipo de abordagem neste artigo, advinda do Ano do Leigo no Brasil, no período compreendido entre 26 de novembro de 2017 a 25 de novembro de 2018, iniciando-se e encerrando-se com a Solenidade Litúrgica de Cristo Rei de cada ano respectivo; o tema eleito para o Ano do Laicato é: “Cristãos leigos e leigas, sujeitos na ‘Igreja em saída’, a serviço do Reino”, com o lema: “Sal da Terra e Luz do Mundo”, advindo de Mt 5,13-14, na mesma perspectiva do documento da CNBB para este fim.³

² Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2017/02/09/papa_sem_a_mulher_n%C3%A3o_h%C3%A1_harmonia_no_mundo/1291380>. Acesso em: 29 ago. 2017.

³ Cf. CNBB 105, n. 13-16.

1 Uma eclesiologia panorâmica sobre o laicato

Antes de adentrar no laicato feminino propriamente dito, é lícito figurar, ainda que sucintamente, o estado laical em sua totalidade, servindo-se para tal das coordenadas eclesiológicas, uma vez que todas as vocações e ministérios encontram sua razão de ser no bojo eclesial. O termo “leigo” promana do grego *laikós*, que por sua vez tem raiz na palavra *laós*, cujo significado é “povo”, “multidão”. O estado laical, compreendido espiritualmente como vocação, é impregnado de ministerialidade, pois também implica o serviço na Igreja e no mundo (*ad intra* e *ad extra*). A primeira preocupação que norteia a abordagem acerca do laicato é definir que o leigo não é mero colaborador dos clérigos, mas possui autonomia e identidade próprias; inclusive, nem poderia ser completamente dependente, mormente dos presbíteros, como acontece com frequência em muitas Comunidades. Para tal, igualmente útil é que os presbíteros valorizem mais os leigos, confiando-lhes tarefas, no movimento descentralizador da Igreja.⁴ Deve haver uma reciprocidade teológica e pastoral entre clérigos e leigos, conforme ensina o Vaticano II:

O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico ordenam-se um ao outro, embora se diferenciem na essência e não apenas em grau. Pois ambos participam cada qual a seu modo, do único sacerdócio de Cristo. O sacerdote ministerial, pelo poder sagrado de que goza, forma e rege o povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico na pessoa de Cristo e O oferece a Deus em nome de todo o povo. Os fiéis, no entanto, em virtude do seu sacerdócio régio, concorrem na oblação da Eucaristia e o exercem na recepção dos sacramentos, na oração e ação de graças, no testemunho de uma vida santa, na abnegação e na caridade ativa.⁵

Desse modo, é essencial que se ultrapasse qualquer modo de dualismo conflituoso ou paralelismo competidor entre clérigos e leigos, pois, respeitando-se as diferenças, cada qual tem sua parcela de contribuição com a missão evangelizadora da Igreja, de acordo com o próprio estado de vida e com os dons recebidos pela graça de Deus. Nesse ínterim, muito se fala sobre espiritualidade, se haveria uma espiritualidade mais específica ao laicato, naturalmente desdobrada da espiritualidade cristã em seu conjunto. O Concílio mais uma vez responde esta interpelação, quando afirma que

⁴ Cf. *Lumen Gentium*, n. 37.

⁵ *Lumen Gentium*, n. 10.

*esta vida íntima de união com Cristo na Igreja alimenta-se por meios espirituais, comuns a todos os fiéis, principalmente pela participação ativa na Sagrada Liturgia. Devem ser de tal sorte utilizados pelos leigos, que estes, enquanto cumprem corretamente as funções mesmas do mundo nas condições ordinárias da vida, não separem a união com Cristo de sua vida, mas cresçam nela enquanto realizam o próprio trabalho segundo a vontade de Deus.*⁶

A CNBB ainda ensina que tal espiritualidade precisa ser encarnada pelo seguimento a Jesus, de tal forma que coadune oração e contemplação, gestando uma espiritualidade de comunhão e missão, em interdependência.⁷

Desse modo, a Igreja no Brasil se coloca atenta à devida valorização do laicato. É digno de nota que existem dois documentos mais específicos à abordagem da importância do leigo e da leiga, tanto interna quanto externamente à Comunidade de Fé, que são os documentos 62 e 105, sendo o último uma atualização do primeiro. Como se encontra enunciado no título do documento mais recente, concebe-se o laicato como inserção da vivência da fé cristã na Igreja e na sociedade, pois, em ambos os setores, o leigo é chamado a se fazer presente com o testemunho pessoal e comunitário de ser um autêntico discípulo e missionário do Senhor, seguindo e prosseguindo os passos de Jesus em ser “sal da terra e luz do mundo”. Urge atentar para a eclesialidade do laicato em sua profícua diversidade de carismas e ministérios, advinda do Espírito Santo, sendo um serviço cristão no mundo.⁸ Isto é apropriado para todos os cristãos; porém, neste artigo, alvitra-se aclarar a importância da mulher dentro de todo este numeroso conjunto de cristãos, aos quais denominamos de leigos. Encerramos este primeiro ponto com as assertivas palavras do Papa Francisco, já interligando com o item a seguir e simultaneamente sintetizando o objeto desta reflexão, na certeza de que existe uma

[Indispensável contribuição da mulher na sociedade, com uma sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares, que habitualmente são mais próprias das mulheres que dos homens]... [Muitas mulheres partilham responsabilidades pastorais juntamente com os sacerdotes, contribuem para o acompanhamento de pessoas, famílias ou grupos e prestam novas contribuições para a reflexão teológica. Mas ainda é

⁶ *Apostolicam Actuositatem*, n. 4.

⁷ Cf. Doc. 105, n. 184-194.

⁸ Cf. Doc. 105, n. 151-167.

preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja. Porque “o gênio feminino é necessário em todas as expressões da vida social; por isso deve ser garantida a presença das mulheres também no âmbito do trabalho” e nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais].⁹

2 Valorização do laicato feminino à luz da *Mulieris Dignitatem*

Ao tematizar o laicato feminino, não se tem a pretensão de sobrepujar a importância das mulheres em detrimento dos homens numa competitividade de gêneros antropológicos,¹⁰ mas, conforme supramencionado, se almeja pensar com a devida reverência a estima dispensada às mulheres na Igreja e no mundo, pois

a mulher, tanto na Igreja quanto no mundo, não é amplamente reconhecida, desde seu aspecto de gênero, na sua qualidade profissional e pessoal e nem mesmo, algumas vezes, pela dignidade de pessoa humana, fato comprovado pelos inúmeros abusos cometidos contra ela ainda em nosso século. Eis aí uma situação que nos envergonha, pois vai totalmente contra o que exige um comportamento cristão. Por essa razão, acreditamos que o debate teológico contemporâneo exige de nossa parte um comprometimento verdadeiro e real com a questão de gênero, principalmente no que responde ao feminino, que na presente sociedade merece considerável e maior atenção.¹¹

Princiando um passeio pela Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*, datada em 1988, do então Papa João Paulo II, por ocasião do Ano Mariano, se verifica um pronunciamento exemplar desse sumo pontífice, que converge para o intento deste texto.

O primeiro ponto a ser salientado é sobre a dignidade e a vocação da mulher, tanto no âmbito da obra criadora de Deus (Cf. Gn 2,18-25), na perspectiva da antropologia teológica, quanto na esfera cristã, mais propriamente ao se referir a Maria, em sua participação *sui generis* na História da

⁹ *Evangelium Gaudium*, n. 103.

¹⁰ Cf. *Mulieris Dignitatem*, n. 6-8.

¹¹ KUZMA, Cesar. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009. p. 98-99.

Salvação, sempre em relação a Cristo, evidentemente.¹² Não se pode pensar na mariologia dissociada da cristologia, uma vez que Maria não é o centro da fé cristã, mas se é venerada a partir de Cristo e de Seu Mistério Salvífico Universal. Em Jo 19,25-27, na entrega recíproca que o próprio Jesus faz do alto da Cruz, da Mulher ao filho e do filho à sua Mãe, se expressa este avizinhamento entre Jesus e Maria, sempre com uma soteriologia cristocêntrica, pois é Jesus Cristo unicamente quem salva; todavia, a participação de Maria é singular, dada sua maternidade divina; não pode ser esta menosprezada em hipótese alguma, por causa da grandeza de sua participação no Mistério de Cristo. O dogma mariano da maternidade divina, portanto, corrobora em muito, nesta compreensão teológica, pois tal dogma alcança definição doutrinária, com estreita ligação à divindade de Jesus, questão basilar à fé cristã, apologética contra as heresias cristológicas dos primeiros séculos que tentavam negar a origem divina de Jesus.

Na conjuntura bíblica de ambos os Testamentos, é possível perceber, ainda que timidamente por causa da cultura patriarcal, a presença de mulheres que colaboraram histórica, religiosa e teologicamente com seu povo coetâneo. No Primeiro Testamento, aludimos a Débora, no período dos juízes de Israel (Cf. Jz 4-5); a Ana, mãe do Profeta Samuel (Cf. 1Sm 1-2); a Sara, mulher de Tobias (Cf. Tb 3;7); a Judite, como exemplo de uma mulher temente a Deus (Cf. Jt 8-16); à Rainha Ester, que demonstrou preocupação pelo seu povo (Cf. Est 2;7;14); à estrangeira Rute, que assimilou a fé do povo judeu (Cf. Rt); à mãe encorajadora com seus sete filhos mártires (Cf. 2Mc 7). No Segundo Testamento, ressaltamos Maria, mãe de Jesus (Cf. Mt 1-2; Lc 1-2); sua prima Isabel (Cf. Lc 1,5.40-45.57-60); a Profetisa Ana, que servia a Deus no Templo (Cf. Lc 2,36-38); algumas mulheres que abraçaram a fé cristã no tempo da Igreja de Atos, colaborando com os apóstolos, além daquelas presentes nos evangelhos, que se encontraram com Jesus, como a cananeia (Cf. Mt 15,21-28; Mc 7,24-30), a filha de Jairo e a hemorroísa (Cf. Mc 5,21-43), a pecadora (Cf. Lc 7,36-50), a viúva de Naim (Cf. Lc 7,11-17), Joana mulher de Cuza, Suzana e outras (Cf. Lc 8,1-3), além de Marta e Maria (Cf. Lc 10,38-42; Jo 11), a mulher encurvada que foi curada (Cf. Lc 13,10-13), a viúva pobre (Cf. Lc 21,1-4), as mulheres que acompanharam Jesus ao Gólgota (Cf. Lc 23,27-31), a samaritana (Cf. Jo 4), a adúltera não condenada por Jesus (Cf. Jo 8,1-11), Maria Madalena, a primeira testemunha da ressurreição (Cf. Jo 20,11-18), cuja lembrança também foi exaltada pelo Papa Francisco, (que a elevou,

¹² Cf. *Mulieris Dignitatem*, n. 1-2.

liturgicamente, de memória obrigatória a festa.¹³ Há outras referências, mas estas se apresentam como as mais conhecidas em toda a Sagrada Escritura, demonstrando a participação das mulheres na História da Salvação. Merece destaque o Evangelho de Lucas, por contemplar os excluídos da época de Jesus, entre os quais, as mulheres. Particularmente no terceiro evangelho, a menção às mulheres se faz mais reiterada que nos demais evangelistas, despontando este cuidado atencioso de Jesus para com elas, bem como aos demais grupos marginalizados da época.

O termo “mulher” possui uma graduação teológica admirável, pois perfaz a História da Salvação, sobretudo na leitura de Maria como a Nova Eva, cuja anagogia foi exaustivamente explorada pelos Padres da Igreja,¹⁴ especialmente a partir de textos como o protoevangelho em Gn 3,15 e, depois, em Gl 4,4. Há ainda a interpretação teológica posterior da figura da mulher em Ap 11,19-12,18, a qual se refere primariamente à humanidade inteira e à Igreja, mas que, no período patrístico, foi associada a Maria, continuando tal reflexão pelo Magistério em incontáveis documentos e escritos.¹⁵

O laicato feminino encontra, desse modo, alicerces que o tornam significativo no conjunto das vocações e ministérios da Igreja, especialmente quando associado à pessoa de Maria, para quem a Igreja dedica grande espaço não somente em seus documentos e pronunciamentos, mas na Liturgia, na formação sacerdotal e espiritual, nas devoções e mesmo na Teologia, com o tratado peculiar da Mariologia. Quando se fala em laicato feminino, não se intenciona aqui elaborar uma teologia feminista nem sequer projetar uma apologia às mulheres, mas, antes, entender e respeitar o lugar delas na Comunidade de Fé e na vida social. Na esteira da *Mulieris Dignitatem*, a mulher é valorada também na união a Cristo, como fizera Maria, uma vez que

a “plenitude dos tempos” manifesta a extraordinária dignidade da “mulher”. Esta dignidade consiste, por um lado, na elevação sobrenatural à união com Deus, em Jesus Cristo, que determina a profundíssima finalidade da existência de todo homem, tanto na terra como na eternidade. Deste ponto de vista, a “mulher” é a representante e o arquétipo de

¹³ Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2016/06/10/papa_eleva_%C3%A0_festa_dia_da_mem%C3%B3ria_de_santa_maria_madalena/1236224>. Acesso em: 29 ago. 2017.

¹⁴ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 411.

¹⁵ Cf., por exemplo, *Lumen Gentium*, n. 63; *Mulieris Dignitatem*, n. 22.

*todo o gênero humano: representa a humanidade que pertence a todos os seres humanos, quer homens, quer mulheres. Por outro lado, porém, o evento de Nazaré põe em relevo uma forma de união com o Deus vivo que pode pertencer somente à “mulher”, Maria: a união entre mãe e filho. A Virgem de Nazaré torna-se, de fato, a Mãe de Deus.*¹⁶

É interessante que as mulheres católicas aprendam as virtudes cristãs para poderem vivenciar bem sua própria vocação, pois “Maria é o ‘novo princípio’ da *dignidade e da vocação da mulher*, de todas e de cada uma das mulheres]... [Em Maria, Eva redescobre qual é a verdadeira dignidade da mulher, da humanidade feminina. Esta descoberta deve chegar continuamente ao coração de cada mulher e plasmar a sua vocação e a sua vida”.¹⁷

Evidentemente que há leigos que se colocam incondicionalmente a serviço na Igreja e no mundo, com motivações advindas da fé cristã, no propósito de pacificar e tornar seu ambiente de inserção convivencial mais próximo aos valores cristãos. Entretanto, pela sua própria natureza e qualidades, a mulher costuma ter traquejo e flexibilidade maiores, por ser mais sensível às pessoas, mais atenta aos pormenores, o que lhe confere uma perspicácia admirável de compreensão; mormente lhe sobressai o emocional, que na contemporaneidade possui mais ênfase que o lógico-racional. No campo da antropologia cristã, seguramente Jesus soube como ninguém enxergar e prezar pela afetuosidade humanizadora e, por conseguinte, salvadora do ser humano, ao revelar com tanta ternura a identidade de Deus:

*[Pelas palavras de Cristo e por todo o seu comportamento, em relação às mulheres, que é extremamente simples e, exatamente por isso, extraordinário, se visto no horizonte do seu tempo: é um comportamento que se caracteriza por uma grande transparência e profundidade]... [Admite-se universalmente – e até por parte de quem se posiciona criticamente diante da mensagem cristã – que Cristo se constituiu, perante os seus contemporâneos, promotor da verdadeira dignidade da mulher e da vocação correspondente a tal dignidade. As vezes, isso provocava estupor, surpresa, muitas vezes raizando o escândalo].*¹⁸

Nos tempos messiânicos, numa cultura judaica contundentemente impregnada pelo patriarcalismo, a manifestação de um messianismo aberto e

¹⁶ Cf. *Mulieris Dignitatem*, n. 4.

¹⁷ *Mulieris Dignitatem*, n. 11.

¹⁸ *Mulieris Dignitatem*, n. 12.

misericordioso, próximo e acessível aos pecadores e grupos menosprezados da época, causou não poucos escândalos às elites religiosas. A atualidade, no contínuo devir histórico, traz marcas daquele tempo quando há, mesmo que sutilmente, preconceitos em relação às mulheres. Felizmente, tal cenário está em transformação, uma vez que hoje as mulheres têm espaços mais dilatados na sociedade em numerosos setores, especialmente no campo do trabalho, na administração de organizações, nas universidades, entre outros. Vale salientar, neste íterim, o aumento de leigas teólogas que cooperam com a reflexão da fé em perspectivas novas e segundo a psicologia feminina. A teóloga Maria Clara Lucchetti Bingemer corrobora o entendimento da valoração da mulher na Igreja, quando diz que

*todo passo que for dado no sentido de uma maior igualdade e respeito para com a mulher redundará certamente em benefício de todo Povo de Deus, no qual, em Cristo, “não há homem nem mulher” (Gl 3,28). Uma Igreja que incorpore e integre o feminino em todos os seus encantos e dimensões terá, certamente, mais chances de ser universal, dentro do espírito dos documentos conciliares.*¹⁹

Assim, urge que haja essa integração cada vez maior da mulher no seio da Igreja, pela potencialidade em agregar conhecimentos e experiências. É de notar que o Papa Francisco pôs, por exemplo, pela primeira vez na história, uma mulher para ser dirigente dos Museus Vaticanos, a Dra. Barbara Jatta, em janeiro de 2017,²⁰ deixando um legado acerca desta fresta ao feminino nos múltiplos serviços à Igreja.

Há pouco falávamos da atenção dispensada por Jesus às mulheres em várias passagens nos evangelhos. O que se tenciona realizar hoje na Igreja, então, deve ser uma prática que advenha do próprio Senhor, uma vez que perduram ainda certas resistências eclesiais e sociais quanto ao efetivo espaço à mulher. Mas isto não foi diferente com Jesus, em relação à mentalidade de seus coetâneos:

O modo de agir de Cristo, o Evangelho de suas obras e palavras é um protesto coerente contra tudo quanto ofende a dignidade da mulher. Por isso, as mulheres que se encontram perto de Cristo reconhecem-se a si

¹⁹ BINGEMER, Maria C. L. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo*. p. 14-15. Disponível em: <<http://www.cpalsj.org/wp-content/uploads/2013/04/Da-teologia-do-laicato.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

²⁰ Cf. http://br.radiovaticana.va/news/2016/12/20/papa_nomeia_barbara_jatta_nova_diretora_dos_museus_vaticanos/1280410.

mesmas na verdade que ele “ensina” e que ele “faz”, também quando esta verdade versa sobre a “pecaminosidade” delas. Sentem-se “libertadas” por esta verdade, restituídas a si mesmas: sentem-se amadas de “amor eterno”, por um amor que encontra direta expressão no próprio Cristo. No raio da ação de Cristo, a posição social delas se transforma. Sentem que Jesus lhes fala de questões sobre as quais, naquele tempo, não se discutia com uma mulher.²¹

Indubitavelmente, o modo de agir de Jesus provocou reações escandalosas junto aos judeus e até mesmo para os Doze, pois o Mestre rompeu barreiras culturais e religiosas daquele povo. Sabe-se que no âmbito judaico eram muitos os grupos desapreciados: estrangeiros, pecadores públicos, leprosos, crianças, órfãos e viúvas, cobradores de impostos, mulheres (ainda mais se fossem pecadoras públicas ou estéreis que não tivessem filhos). Jesus ensina a ter atitudes de acolhida e misericórdia, pois o Pai se volta preferencialmente às pessoas marginalizadas. Portanto, aqueles grupos de excluídos foram reinseridos na centralidade da vida social, descortinando a dignidade humana, como filhos e filhas de Deus, a quem a salvação cristã alcançou. Por sua vez, tais pessoas são convidadas a se tornar mensageiras da Boa-Nova, comunicando com suas vidas o amor recebido por Deus, cujo realce se dá às mulheres:

Se a dignidade da mulher testemunha o amor que ela recebe para, por sua vez, amar; o paradigma bíblico da “mulher” parece desvelar também qual seja a verdadeira ordem do amor que constitui a vocação da mesma mulher. Trata-se aqui da vocação no seu significado fundamental, pode-se dizer universal, que depois se concretiza e se exprime nas múltiplas “vocações” da mulher na Igreja e no mundo.²²

A Igreja igualmente necessita constantemente do testemunho de homens e mulheres dispostos a proclamar com suas vidas o que aprenderam e assimilaram pela força da graça de Deus. Tal anúncio se converte em vocação e missão, num binômio que se unifica pela raiz da fé cristã, expressa na ministerialidade da Igreja e na Igreja, e no mundo e para o mundo:

O testemunho e as obras de mulheres cristãs tiveram um influxo significativo na vida da Igreja, como também na da sociedade]... [a Igreja não cessa de enriquecer-se com o testemunho das numerosas mulheres

²¹ *Mulieris Dignitatem*, n. 15.

²² *Mulieris Dignitatem*, n. 30.

*que realizam a sua vocação à santidade. As mulheres santas são uma personificação do ideal feminino, mas são também um modelo para todos os cristãos, um modelo de “sequela Christi”.*²³

Espera-se, enfim, que as mulheres possam efetivamente assumir sua dignidade pessoal, apreciando-se mais na Igreja e na sociedade, sendo autênticas protagonistas da história, uma vez que não faltam razões antropológicas e teológicas para isso. Elas estão num patamar de igualdade em relação ao homem, constituindo a humanidade, cuja vocação própria se verte ao crescimento existencial e à cooperação recíproca,²⁴ num processo sinérgico incessante.

3 Questões pastorais sobre o laicato

Após mentalizar os fundamentos antropológicos e teológicos do justo enaltecimento à pessoa da mulher, é adequado pensar neste instante acerca das reverberações pastorais que emergem daquelas considerações. Neste item, contemplaremos não somente o laicato feminino, mas também os leigos e leigas em geral, havendo, todavia, alguns acentos em relação às mulheres, conforme veremos a seguir.

A primeira constatação pastoral-eclesial é lastimável, pois decorre do visível enfraquecimento do número de leigos verdadeiramente comprometidos na Igreja e com a Igreja, dentro das Comunidades, como agentes de pastorais. Há enormes dificuldades em ter coordenadores, pois a coordenação inibe muita gente. Na sociedade, porém, para além do terreno da fé católica, vê-se, felizmente, muitos voluntários trabalhando em ONG's, por exemplo, e em outros trabalhos de cunho social altamente benéficos a incontáveis pessoas e setores sociais, mesmo que não haja em várias dessas situações a motivação anterior da fé cristã. Contudo, surgem novas e boas perspectivas no tocante à humanização e ao compromisso solidário, quanto à doação do próprio tempo e de energias, bens materiais, prestação de serviços comunitários, oferta de oportunidades e outros gestos em favor do próximo. É lamentável que nem sempre os cristãos católicos, frequentadores de celebrações e de outras atividades similares dentro da Comunidade, se empenham muito no testemunho da fé na sociedade, nessas e em outras áreas, o que faria

²³ *Mulieris Dignitatem*, n. 27.

²⁴ Cf. *Christifidelis Laici*, n. 49-50.

crescer a credibilidade da própria fé cristã. Este é um ponto crucial muito carecente, a nosso ver, na contemporaneidade, obnubilando novas possibilidades, inclusive a outras pessoas que poderiam aderir à fé em Cristo, celebrar os sacramentos, propagar eclesialmente o Evangelho.

Ao diagnóstico acima, soma-se o fato de haver insuficiência numérica de leigos para tantas atividades. É certo que a Pastoral tem se desenvolvido em vários setores de atuação, o que demonstra zelo apostólico por parte da Igreja. É louvável encontrar paróquias e dioceses que estejam criando pastorais e trabalhos comunitários benéficos, com projetos bastante elaborados e metas clarívidas e realizáveis; entretanto, há carência de leigos que assumam verdadeiramente tais trabalhos, pois geralmente já se encontram demasiadamente atarefados, seja com outras atividades da própria Comunidade de Fé, seja com questões pessoais, como profissão, família, saúde, estudos, preocupações diversas.

Um olhar especial se direciona às mulheres neste íterim, porque, na atualidade, é mais comum que estejam com múltiplos afazeres cotidianos. Antes, muitas delas ficavam mais com o labor doméstico, “do lar”, cuidando dos filhos, enquanto o marido saía para trabalhar; hoje, com as céleres transformações sociais em todos os níveis, as mulheres também necessitam ausentar-se de casa para trabalhar e estudar, quando não assumem integralmente, em famílias monoparentais, em casos de separação, por exemplo, o cuidado dos filhos e dos patrimônios. Dentro das Comunidades, é fácil encontrar mulheres nessas situações, o que incide diretamente no problema da disponibilidade de tempo e de energia para atuar mais na Igreja.

Por outro lado, é laudável que haja incontáveis Comunidades no Brasil em que mesmo na ausência de ministros ordenados (pela escassez quantitativa, deficiência de vocações e má distribuição do clero), leigos e leigas liderem tais Comunidades como agentes e coordenadores de pastorais e movimentos, catequistas, presidentes de celebrações, ministros extraordinários do Batismo e do Matrimônio, das Exéquias, missionários, formadores de outros leigos na fé cristã etc. Mais uma vez, têm destaque as mulheres, pois a maioria desses leigos envolvidos seriamente com suas Comunidades é mulher:

Veja-se, por exemplo, a participação das mulheres nos Conselhos pastorais diocesanos e paroquiais, assim como nos Sínodos diocesanos e nos Concílios particulares. Nesse sentido, os Padres sinodais escreveram: “As mulheres participem na vida da Igreja sem discriminação alguma, também nas consultas e na elaboração de decisões”. E ainda: “As mu-

*lheres, que já têm tanta importância na transmissão da fé e na prestação de serviços de toda a espécie na vida da Igreja, devem ser associadas à preparação dos documentos pastorais e das iniciativas missionárias e devem ser reconhecidas como cooperadoras da missão da Igreja na família, na profissão e na comunidade civil”.*²⁵

Outro fator benemérito, tanto aos homens quanto às mulheres, habita nas pessoas que se tornam leigos consagrados em diversos sentidos: missionários evangelizadores, missionários do dízimo, teólogos, leigos dedicados à formação teológica e pastoral de Comunidades, leigos que se “afiliam” a ordens religiosas, associações, institutos seculares, sociedades de vida apostólica, focolares, no cultivo daquela espiritualidade e carisma específicos etc.²⁶ Esta realidade proporciona regozijo e esperança a toda a Igreja, pois mormente são leigos adolecidos na fé cristã e que sentem a necessidade de se entregar mais à vinha do Senhor, que carece de operários para a messe. Há ainda neste patamar a presença maciça do laicato que se integra aos movimentos, os quais são mais conhecidos os que trabalham com jovens, com casais, com famílias, com a espiritualidade mariana (capelas devocionais, terços, novenas perpétuas e outros), com a espiritualidade devocional cristã (Sagrado Coração de Jesus, adoração perpétua ao Santíssimo Sacramento e outras piedades atribuídas ora ao Pai, ora ao Filho e ora ao Espírito Santo).

Evidentemente, tais movimentos são alvo de críticas quando se trancam hermeticamente em si mesmos, sem criar quaisquer vínculos pastorais e comunitários; entretanto, há o viés positivo, quando incentivam pessoas à oração, à espiritualidade cristã, à vivência dos sacramentos e sacramentais, e sobretudo quando são instrumentos de conversão e de retorno para algumas pessoas começarem ou regressarem seu caminho à Igreja, à mais genuína fé. O catolicismo popular corrobora bastante neste entretempo dos movimentos em muitos casos e lugares, pois o povo católico brasileiro possui facilidade para cultivar religiosidades de várias naturezas. Se os movimentos não são a melhor maneira de evangelização, ao menos podem se aproximar dela de alguma forma.

Dentro da Igreja ainda há clericalismo, artifício que o Papa Francisco tem criticado veementemente.²⁷ Sabe-se que há fatores histórico-

²⁵ *Christifidelis Laici*, n. 51.

²⁶ Cf. *Christifidelis Laici*, n. 29; Cân. 215, 298-329; Doc. 105, n. 214-224.

²⁷ Cf., por exemplo, http://br.radiovaticana.va/news/2016/04/26/francisco_clericalismo_anula_personalidade_dos_crist%C3%A3os/1225730.

-culturais remotos que acarretaram este mal à Igreja;²⁸ no entanto, apenas a título de alusão, pois não é o intuito deste artigo e nem sequer há espaço hábil para descrições neste sentido, é possível suplantar algumas de suas causas, que jazem da parte dos clérigos: receios e desânimos quanto ao futuro, neoconservadorismo, fundamentalismo religioso, esteticismo litúrgico e nas vestes, debilidade de conhecimento teológico, desdém com os trabalhos missionários e pastorais, autoritarismo, entre outros. Da parte do laicato, também existe o clericalismo quando há: excessiva centralização na pessoa do padre, chegando a endeusá-lo; falta de corresponsabilidade na Comunidade como sujeito eclesial, delegando todas as tarefas aos clérigos, colocando-se numa posição superior na Comunidade e agindo de forma autoritária; pretensão de conhecimento de tudo e inflexibilidade a mudanças e formações para novas mentalidades e metodologias pastorais etc. Ou seja, existem leigos e leigas que se “clericalizam”, vivem e se comportam como se fossem clérigos constituídos, abandonando seu estado vocacional laical, restringindo-se a vivenciar a fé apenas dentro da Comunidade, numa dicotomia bipolar entre fé e vida: isto é falta de testemunho cristão. Como se vê, o clericalismo é algo complexo e de múltiplas causas; daí a justa preocupação do sumo pontífice em vasculhar esta questão.

A última questão se conecta a certa tensão, disputa de espaço e de poder que acontece em algumas Comunidades, entre clérigos e leigos. Na conjuntura social há inúmeros exemplos disso, como relação conflituosa bilateral entre: patrão-empregado, professor-aluno, pais-filhos, homens-mulheres, jovens-idosos e outros, que podem ser postos em paralelo ao conflito hierarquia eclesiástica-laicato, sobretudo quando se considera o segundo com a expressão “simples fiéis” ou “leigos” em sentido pejorativo-popular, conforme vimos no início deste texto. Ao descrever o laicato feminino, já se acenou implicitamente para a importância das leigas, na devida consideração e maior abertura de espaços na Igreja e na sociedade, mediante um autêntico reconhecimento dos trabalhos que as mulheres realizam com diligência. Tal comprovação alude à figura da mulher ideal na literatura bíblico-sapiencial.²⁹

Pôde ser verificado que coexistem positivities e negatividades na ótica pastoral do laicato em geral e mais especificamente do laicato

²⁸ Cf. EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993. Verbete “leigo/clero”, p. 450-455.

²⁹ Cf. Pr 31.

feminino. Até por motivação pastoral, que procede logicamente do Cristo Bom Pastor, é mais salutar e fecundo investir nos pontos favoráveis, com esperança confiante na Providência de Deus,³⁰ que esvair-se num pessimismo que esteriliza por enxergar unicamente o que há de mal.³¹ Diante do laicato feminino,

*[a Igreja, portanto, rende graças por todas e cada uma das mulheres]... [Tal como saíram do coração de Deus, com toda a beleza e riqueza da sua feminilidade; tal como foram abraçadas pelo seu amor eterno; tal como, juntamente com o homem, são peregrinas sobre a terra, que é, no tempo, a “pátria” dos homens e se transforma, às vezes, num “vale de lágrimas”; tal como assumem, juntamente com o homem, uma comum responsabilidade pela sorte da humanidade, segundo as necessidades cotidianas e segundo os destinos definitivos que a família humana tem no próprio Deus, no seio da inefável Trindade].*³²

Conclusão

O presente artigo não teve naturalmente a pretensão de esgotar o assunto que é tão amplo em vértices. Mas é um auxílio a instigar certas questões referentes ao laicato como um todo e, particularmente, ao papel da mulher na Igreja e na sociedade. Os elementos que por ora despontam como essenciais são: a consciência de cada leigo e leiga se sentirem e serem efetivamente sujeitos eclesiais com autonomia vinculada à Igreja,³³ com profundo sentimento de pertença real à Igreja (*sentire cum ecclesia*); o testemunho pessoal de vida, que assegura uma unidade da fé cristã, dentro e fora do espaço eclesial, como meio imprescindível para o crescimento da credibilidade da Igreja em toda a sua ação evangelizadora;³⁴ a necessidade de que clérigos e também leigos tenham esmero com os diversos serviços pastorais prestados à Igreja, na concretude de cada Comunidade de Fé, por muitos leigos verdadeiramente empenhados e que não mensuram esforços pessoais para partilhar seus dons, de forma criativa, na formação e ensino da fé, na organização, na coordenação e na efetivação de trabalhos evangelizadores.

³⁰ Cf. 2Cor 9,8.

³¹ Cf. *Evangelii Gaudium*, n. 84-86.

³² *Mulieris Dignitatem*, n. 31.

³³ Cf. Doc. 105, n. 119-135.

³⁴ Cf. KUZMA, 2009, p. 150-151.

Evidentemente, o paradigma magno e incentivador à vivência da fé cristã, em todas as suas incalculáveis vertentes, não se encontra numa ideia, numa teoria, num sistema cognitivo ou estrutural, mas está ancorado inabalavelmente na Pessoa e na Ação de Jesus Cristo. Ele não somente deixou exemplos como o Mestre, mas conferiu Sua Graça Salvífica a toda a humanidade pelo Mistério Pascal. Na plataforma da cristologia terrena, Jesus soube surpreendentemente revigorar a esperança nas pessoas, aproximando-as de Deus, pela sua ternura e acolhimento. Na abordagem deste texto, um olhar se dirige à atenção que Jesus teve para com as mulheres, depreciadas pela cultura da época, mas alteadas pelo Senhor, sobretudo no Evangelho de Lucas. Portanto, a partir do ensinamento de Jesus Cristo, a Igreja é chamada a estimar sempre mais todo o povo de Deus, e particularmente, dentro do conjunto laical, o laicato feminino, com todas as suas realizações e possibilidades.

Referências bibliográficas

Referências impressas

- BÍBLIA do Peregrino. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- CATECISMO da Igreja Católica. 8. ed. São Paulo: Vozes, 1998.
- CÓDIGO de Direito Canônico. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Apostolicam Actuositatem*. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo* (Mt 5,13-14). Brasília: Edições CNBB, 2016. (Documento 105).
- EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.
- GERKEN, John D. *Teologia do laicato*. São Paulo: Herder, 1968. (Coleção Cairoscópio).
- JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Christifidelis Laici*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

KUZMA, Cesar. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

Referências eletrônicas

BINGEMER, Maria C. L. Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo. Disponível em: <<http://www.cpalsj.org/wp-content/uploads/2013/04/Da-teologia-do-laicato.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Mulieris Dignitatem: sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html#_ednref43>. Acesso em: 22 ago. 2017.

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christifideles Laici: sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html#fnref192>. Acesso em: 25 ago. 2017.

http://br.radiovaticana.va/news/2016/04/26/francisco_clericalismo_anula_personalidade_dos_cristos/1225730. Acesso em: 29 ago. 2017.

http://br.radiovaticana.va/news/2016/06/10/papa_eleva_festa_dia_da_memoria_de_santa_maria_madalena/1236224. Acesso em: 29 ago. 2017.

http://br.radiovaticana.va/news/2016/12/20/papa_nomeia_barbara_jatta_nova_diretora_dos_museus_vaticanos/1280410. Acesso em: 29 ago. 2017.

http://br.radiovaticana.va/news/2017/02/09/papa_sem_a_mulher_nao_ha_harmonia_no_mundo/1291380. Acesso em: 29 ago. 2017.